

CONTRIBUIÇÕES DE SIGMUND FREUD SOBRE A RELIGIÃO

Paulo César Ribeiro Martins*
Jeanhderson Morais Martes**

RESUMO

O objetivo deste artigo é descrever as contribuições de Sigmund Freud sobre a religião. Foi utilizado o método dedutivo para chegarmos a premissas descritivas a partir das obras freudianas, tendo como procedimento a pesquisa bibliográfica com abordagem teórica. O problema proposto consiste em como Freud concebe a religião. O estudo justifica-se pela recuperação histórica da participação freudiana sobre o tema. A religião para Freud tem uma influência considerável na sociedade com o intuito de conceder consolo diante do desamparo da vida. Por isso, pode ser tida como uma ilusão que possui a finalidade de conferir ao homem um propósito de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Freud. Psicanálise. Religião.

ABSTRACT

The intend of this article is to describe Sigmund Freud's contributions about religion. It was used the deductive process to reach the descriptive assumptions starting from Freud's Works, the procedure used was a bibliographic search with theoretical approach. The proposed problem is how Freud conceives religion. The study is justified by the historical search of Freud's participation about the subject. The religion to Freud has an important influence in the society with the aim of conceive consolation against the anguish of life. In this way, it can be seen as an ilusion with the finality to assign to people a purpose of life.

KEYWORDS: Freud. Psychoanalysis. Religion.

INTRODUÇÃO

O estudo da experiência religiosa sempre foi do interesse de Freud, ele demonstrou isso com seu esforço por meio da teoria psicanalítica para decifrar o fenômeno religioso, contribuindo com significativas construções teóricas, enriquecendo o conhecimento de como o homem vivencia tais experiências. Este artigo tem como objetivo descrever o ponto de vista de Sigmund Schlomo Freud sobre a religião, utilizando o método dedutivo como procedimento de pesquisa bibliográfica, para chegar a premissas descritivas a partir das obras freudianas completas.

Freud teve experiências na infância que fizeram com que tivesse familiaridade com a religião, possibilitando considerar com relevância questões referentes ao

*Doutor em Psicologia pela PUC de Campinas.

**Psicólogo pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais.

assunto. Ele faz uma analogia da religião com a histeria e as neuroses depois prosseguem delineando a origem da mesma com base no totemismo, ressaltando sua importância no desenvolvimento da sociedade. Qualifica a religião como uma ilusão, discorre sobre a transferência da visão da figura paterna da infância para Deus, quando este é enfatizado como uma espécie de pai glorificado, fazendo com que o homem acredite que possui um propósito de vida. Nos últimos trabalhos trata sobre a forma como a civilização percebe os preceitos religiosos e os assimila, desenvolvendo teorias sobre o fenômeno religioso. A relevância de sua obra reside na contribuição da promoção do saber sobre a religião, possibilitando maior entendimento a respeito do fenômeno religioso.

FREUD E A RELIGIÃO

Em relação à psicologia da religião, Freud (1925/2006) considerou que suas contribuições tiveram grande valor. O caminho percorrido em suas obras passa pela semelhança que assinalou entre as práticas religiosas e os rituais. Freud (1913/2006) tratou da origem da religião referindo-se ao totemismo e seus rituais, que se repetem em todas as sociedades, mesmo nas mais desenvolvidas.

Freud (1935/2006) acrescenta que levou seu trabalho a respeito da religião um passo adiante em dois trabalhos: em 1927, quando fez uma avaliação profunda da religião, e em 1930, demonstrando como a civilização absorve as questões religiosas. Posteriormente, em 1939 destacou ter encontrado uma fórmula que fazia mais justiça à religião, admitindo que a força da mesma residia na verdade em que ela continha, demonstrando que essa verdade não era material, mas histórica.

Por meio da psicanálise, Freud iniciou seus estudos sobre a religião, quando pela primeira vez tratou sobre o tema abordando as neuroses e as práticas religiosas. Apesar de considerar que estes estudos se deslocaram muito além da psicanálise, segundo Freud (1925/2006) o público teve mais simpatia por eles do que pela própria ciência psicanalítica.

AS NEUROSES E AS PRÁTICAS RELIGIOSAS

A religião surgiu citada por Freud (1895/2006) quando ele faz uma comparação, ressaltando que, como nas demais histerias, as neuroses histéricas surgem na religião quando um desejo inconsciente e recalcado traz consigo novas representações que entram em conflito com complexos representativos enraizados na consciência. Estes complexos podem, por exemplo, ser uma educação severa ou ensinamentos religiosos proibitórios. Postula que, quando um desejo entra em conflito com aquilo que já está estabelecido na consciência, o desejo provoca uma sensação de desprazer, tentando se impor ante os complexos representativos, que por sua vez entendem que suas ideias de felicidade e salvação estão ameaçadas.

A vontade consciente do sujeito, que neste caso é o interesse religioso, está satisfeita com a situação atual dos complexos enraizados de crença na felicidade e salvação e joga a favor do querer consciente e repressor. Demonstra com esta situação que a religião pode ser um fator patogênico, atuando como um oponente dos desejos, o que, muitas vezes, é decisivo para o surgimento das neuroses. É uma luta irreconciliável, o desejo sempre buscando se libertar e o recalque auxiliado pelos conteúdos repressores mantendo a resistência (FREUD, 1895/2006).

Freud cita alguns delírios em freiras, mulheres que guardam a castidade e crianças bem-educadas, referindo que são expressões sintomáticas do recalque pulsional. Esta é, inclusive, a primeira vez que Freud utiliza o termo recalque (FREUD, 1895/2006). Posteriormente, passa a descrever as experiências religiosas não apenas como uma resistência às pulsões, encontrando em algumas práticas religiosas uma analogia com as neuroses obsessivas, referindo que ambas apresentam o mesmo tipo de linguagem (FREUD 1909/2006). Freud (1907/2006) trabalha essa analogia demonstrando que o neurótico obsessivo e o religioso usam o cerimonial como uma defesa contra sentimentos de culpa recalcados. Refere que essa semelhança não é apenas superficial, pois, qualquer atividade que é completamente proibida ou só é permitida fazer após um determinado ritual, é caracterizada como um ato obsessivo.

As compulsões ou proibições: ter de fazer isso ou não poder fazer aquilo, às vezes, ficam na ordem do particular e não prejudicam o convívio social do indivíduo.

A semelhança dos cerimoniais religiosos e dos atos obsessivos encontra-se no sentimento de culpa que surge quando se negligencia tais atos ou cerimoniais. Já as diferenças são que os atos obsessivos são particulares, variados e com caráter privado. Os cerimoniais religiosos, por sua vez, possuem caráter estereotipado, público e comunitário. No religioso, os rituais têm significado e sentido simbólico e para os neuróticos parecem algo tolo e absurdo (FREUD, 1907/2006).

Ao investigar a neurose obsessiva, que a princípio tem um aspecto caricato cômico e triste, mais parecendo uma religião particular, percebe que a diferença acaba quando por intermédio da psicanálise se analisam os significados dos atos obsessivos. Nessa investigação, se desfaz o aspecto tolo e absurdo de que se revestem os atos obsessivos. Descobre-se que todos os detalhes dos atos têm um sentido, servem a importantes interesses da personalidade do indivíduo, expressando experiências infantis ainda atuantes e pensamentos que estão no conteúdo da memória carregados de afetos (FREUD, 1907/2006). Freud cita alguns exemplos de rituais particulares representados por atos obsessivos em pacientes neuróticos atendidos por ele com conteúdo de experiências sexuais. A seguir a transcrição de um deles:

Uma mulher, que estava vivendo separada do marido, via-se sob a compulsão de deixar intacta a melhor porção de tudo aquilo que comia: por exemplo, só aproveitava as beiradas de uma fatia de carne assada. A explicação dessa renúncia foi encontrada por meio da data de sua origem. Ela surgiu no dia seguinte àquele em que se recusara a ter relações maritais com seu marido – isto é, após ter renunciado ao melhor (FREUD, 1907/2006, p. 111-112).

Este caso demonstra um significado atribuído à neurose obsessiva, confirmando, para Freud, que nos atos obsessivos tudo tem um sentido e uma interpretação. O que faz do ato obsessivo uma doença é o fato da pessoa ter uma compulsão sem compreender o sentido e os motivos.

Os atos obsessivos e cerimoniais são uma espécie de proteção contra a tentação, contra um mal esperado. As proibições surgem como um substituto aos atos obsessivos, para manter uma distância de situações que possam gerar tentações. Essas “proibições substituem os atos obsessivos, assim como uma fobia

substitui um ato histórico” (FREUD, 1907/2006, p. 115). Freud corrobora que perante essas semelhanças pode-se declarar a neurose como uma espécie de religião individual e a religião como uma neurose obsessiva universal. Por meio dessa ideia geral remonta a gênese da religião.

A ORIGEM DA RELIGIÃO

A psicanálise enfatiza o totemismo como uma fonte para se conhecer a origem da religião. No entanto, não alega que esta é a única fonte para algo tão complexo. Apenas quando for possível reunir as descobertas dos vários campos de pesquisa, será possível descrever melhor a origem das religiões. O totemismo é relevante porque ocupava o lugar da religião entre alguns povos primitivos e fornecia a base de sua organização social (FREUD, 1913/2006).

Freud (1913/2006) descreve o “totem” como uma classe de objetos, animais ou vegetais, encarados com respeito supersticioso pelos primitivos, que acreditavam existir uma relação íntima entre o totem e sua sociedade, de maneira que ele protegia o homem e este demonstrava respeito de diversas formas. Estes homens chamavam a si mesmos pelo nome do totem, por exemplo: o clã do urso, o clã do lobo, o clã do leão etc. Eles acreditavam que eram descendentes de um ancestral, ligados por deveres e uma fé comum no símbolo sagrado. O que fazia desta crença uma religião que consistia no respeito e proteção entre o homem e o totem e, ao mesmo tempo, um sistema social que continha regras de relações entre os membros do mesmo clã e de clãs diferentes.

A principal característica do ritual das antigas religiões era o sacrifício no altar. Este ritual teve o mesmo papel em todas as religiões, mas inicialmente a oferta era um ato de companheirismo entre a divindade e adoradores. Os sacrifícios dos homens para as divindades eram alimentos, dos quais os próprios homens viviam deles. Deste modo, a divindade compartilhava o sacrifício com seus adoradores e o alimento era literalmente para que os deuses fizessem uso deles. Como os deuses foram deixando de serem materiais com o passar do tempo, essa ideia foi sendo abandonada. O fogo entrou nesse momento como um fator importante; mediante a fumaça que subia, a oferenda era um aroma agradável aos deuses, o que tornava o

sacrifício mais apropriado à natureza divina. No caso das bebidas, se ofereciam normalmente o sangue do animal, que num momento ulterior foi substituído pelo vinho, também chamado de: o sangue de uvas (FREUD, 1913/2006).

O sacrifício animal, no qual a carne e o sangue eram consumidos pelo deus e os adoradores, é a forma mais antiga de sacrifício e era uma cerimônia pública festejada por todo o clã. A religião fazia parte das obrigações sociais e nessa festa o indivíduo deixava de lado os seus interesses, enfatizando a dependência mútua entre a comunidade e seu deus. Nas culturas antigas, o comer e o beber juntos consistia na força ética do sacrifício, visto que, quando alguém comia com outra pessoa, ela estava segura na presença deste, o outro não representa um inimigo e não há o que temer. Estava formada uma aliança que precisava ser renovada constantemente por este mesmo ato de comer e beber juntos (FREUD, 1913/2006).

Freud (1913/2006) destaca que o começo da organização social, das restrições morais e da religião encontram-se no festival da refeição totêmica, quando o pai primevo foi morto e devorado pelos filhos que haviam sido expulsos e retornaram colocando fim à horda patriarcal, dando início a um grupo com direitos iguais e sujeitos às restrições do sistema totêmico. Os irmãos odiavam o pai, que representava um obstáculo aos seus desejos sexuais e de poder, ao mesmo tempo em que o amavam e admiravam. Após satisfazer o desejo de livrar-se do pai, a afeição recalcada que tinham por ele germinou em um sentimento de culpa. O pai morto se tornou mais forte do que quando estava vivo. Os filhos então estabelecem que a atitude que tiveram com o pai jamais poderia se repetir entre eles. Neste processo, o totem se ergueu ocupando o lugar do pai e não poderia ser morto. Surgiram os tabus, reprimindo os dois desejos que motivaram a morte do pai: 1. os irmãos não devem desejar ocupar o lugar do pai que agora é ocupado pelo totem e; 2. não podiam desejar possuir as mulheres do pai, o que dá origem à ideia do incesto.

No totemismo pode-se considerar que a primeira tentativa de religião está no tabu referente a tirar a vida do animal. O animal ocupava o lugar do pai e devia ser tratado pelos filhos como se fosse o próprio pai, assim, os irmãos podiam redimir-se de seus atos. O totem também não agia como um pai cruel, por ser ele um protetor

não precisariam odiá-lo, portanto, o clã se comprometia a respeitá-lo. Verifica-se que a religião surge de um sentimento de culpa e de um esforço de apaziguar o pai, obedecendo a ele na figura do totem. Este sistema conseguiu resolver a questão do remorso e tratou do triunfo sobre o pai. No festival as restrições de se alimentar do totem eram abolidas e o animal totêmico era sacrificado, lembrando a necessidade que foi livrar-se do pai cruel. Nesta festa celebravam e lamentavam a morte do pai. Com a morte do totem instituíram uma lei que foi além dos membros do clã: não mataráis. A refeição totêmica é desta maneira um ato de santificação por meio da participação de uma refeição em comum (FREUD, 1913/2006).

Freud (1913/2006) afirma que, de alguma forma desconhecida, Deus assumiu o controle de toda a vida religiosa do homem; se a refeição totêmica quisesse sobreviver, teria de se ajustar a um novo sistema. Neste sistema, a psicanálise ensina que o deus de cada um é formado da semelhança existente na relação da pessoa com seu pai. E a relação com Deus depende da relação com o pai de carne e osso, na realidade, já que Deus é um pai glorificado.

Segundo Freud (1913/2006), o pai surge como duas figuras no sacrifício: como Deus e como o totem. Para entendermos a raiz de toda religião é razoável pensar que o próprio deus era o animal totêmico, sendo o totem a primeira forma de representante paterno e Deus a seguinte, na medida em que vai tomando uma aparência humana. Freud (1939/2006) ressalta essa característica dos deuses como animais totêmicos, lembrando que os deuses egípcios tinham forma de animais, como se ainda não tivessem completado a evolução para uma forma humana.

O pai é representado no sacrifício como o animal ofertado e como o deus que recebe a oferta. Como animal vê-se claramente o pai sendo derrotado, esse fracasso como oferta na figura do totem representa também seu maior triunfo. O homem está dando satisfações do ato que havia cometido contra ele. Com o passar do tempo o animal foi perdendo seu caráter divino e passou a ser apenas uma oferta; Deus, por outro lado, foi sendo exaltado acima da humanidade. Quando isto ocorreu surgiu a figura do sacerdote: os homens só poderiam aproximar-se de Deus recorrendo a um mediador. O sacerdote surgiu para que os homens deixassem de ser responsável pelo ato de sacrificar o pai, uma negação do ato de acordo com a

psicanálise. O cristianismo foi o primeiro a utilizar um método onde todas essas figuras se encontrariam em uma só pessoa. Cristo reuniu em si todas as características do ritual, ele foi o sacerdote, a vítima do sacrifício e o próprio Deus. Redimiou todos os seus irmãos do pecado original cometido contra o Deus-pai e se tornou Deus ao lado do pai, ou melhor, sendo um com o pai. A única coisa que restou aos irmãos foi a comunhão de participar da carne e do sangue do filho, que é igual a eles. A redenção está completa, um irmão foi sacrificado no lugar dos outros, se tornou o pai e redimiou os demais do que haviam feito (FREUD, 1913/2006).

DEUS: o pai da infância glorificado

Freud (1927/2006) aponta a religião como o item mais importante das bases das ideias de civilização, explica que a civilização reprime os desejos do homem com seus regulamentos. O homem que deseja ser totalmente livre em suas pulsões, para defender-se desse dano causado pela civilização, passa a resistir a estes regulamentos e a ser hostil à civilização. O homem também precisa enfrentar outra força que o ameaça, os poderes da natureza. Diante desta força avassaladora o homem sente-se ainda mais indefeso e intimidado; não tendo o poder de controlá-la, só encontra uma saída: submeter-se à civilização que o poupará dessa tarefa, protegendo a todos de maneira igual, despiando a natureza de seus terrores. Isso vale para quase todas as civilizações.

Freud (1927/2006) expõe que o processo utilizado pela civilização para defender o homem é humanizando a natureza. Fazendo uso da religião, a civilização transferiu para a natureza as características humanas, fazendo com que os elementos da natureza que antes eram impessoais viessem a possuir paixões da mesma forma que as próprias almas humanas. Desta forma, o homem não precisaria lidar com algo desconhecido. Tudo na natureza se tornaria tão humano, que o homem poderia respirar aliviado, sentir-se à vontade para lidar com a ansiedade e com o medo, empregando sua capacidade psíquica melhor. Do mesmo modo que o homem aplica toda sua capacidade de argumentação com a sociedade, poderia também empregar os mesmos meios com a natureza, diminuindo o poder dela.

A busca pela religião como solução ao desamparo contra as forças da natureza é uma repetição do que ocorre na infância, visto que a mesma sensação de desamparo vivida pela criança na tenra idade, quando ela temia os pais, é revivida na transferência de poderes para as forças da natureza que também é temida. Do mesmo modo em que o pai também era um protetor, o homem se aproveita da religião e concede a essas forças um caráter de pai. Surge um pai que domina as forças da natureza. A primeira figura paterna dominava perigos comuns, já o novo pai é maior, na mesma proporção como na vida adulta são maiores os perigos. Com o passar do tempo à natureza foi perdendo esses traços humanos, porém, a sensação de desamparo permaneceu, assim como o anseio por um pai protetor e por um deus (FREUD, 1927/2006).

De acordo com Freud (1927/2006) como o homem não quer sofrer, ele segue o caminho das necessidades narcísicas e se liga aos objetos que podem satisfazer todos os seus desejos. Inicialmente a mãe se torna seu primeiro objeto amoroso, a primeira que supriu e protegeu. Logo é substituída pelo pai, que é mais forte e ocupará essa posição por toda a infância. Quando o ser humano cresce e percebe que continua desprotegido, empresta as características do pai a quem pode defendê-lo dos poderes da natureza, um Deus a quem teme e confia sua proteção.

Freud (1933/2006) pondera que para a religião o universo foi criado por um ser semelhante ao homem, porém, maior em poder, sabedoria e força. Embora haja indicações de divindades femininas, esse criador é normalmente homem e comumente é chamado de “Pai”. A psicanálise admite que ele realmente seja o pai, que na infância aparecia para a criança com toda sua grandeza, agora aparece para o homem religioso que pensa na criação do universo como pensa na sua própria origem. O pai, a quem a criança deve a sua existência, foi a pessoa que a protegeu, cuidou nos momentos de desamparo e fraqueza diante do mundo, garantindo-lhe segurança. O adulto sabe que possui mais força, mas também tem consciência de que os perigos da vida são maiores, conclui que continua desamparado e desprotegido como na infância, diante do mundo se sente como uma criança. O pai da infância, a quem dava um grande valor por seus poderes, agora é muito limitado para defendê-lo dos perigos da fase adulta. Só resta transformar essa imagem do

pai em uma divindade para a nova fase, quando suas lembranças e suas necessidades de proteção sustentam sua crença em Deus.

O pai que protegeu contra os perigos, foi quem também ensinou o que a criança podia ou não fazer, como se comportar e sobre a necessidade de respeitar os pais e os irmãos para ser benquisto na família. Desse modo, fica fácil compreender como o homem insere todas essas informações sem precisar alterá-las na religião. A proteção e satisfação dependem de sua obediência, amar e ser amado por Deus garante sua segurança contra os perigos do mundo e mediante a oração ele pode até mesmo participar da onipotência divina, inclusive influenciando a vontade de Deus (FREUD, 1933/2006). Para a religião, Deus requer que o homem seja obediente, agindo desse modo se aperfeiçoará, alcançando a felicidade, o que representa um propósito de vida.

UM PROPÓSITO DE VIDA

Freud (1927/2006) propõe que a partir desse conjunto de ideias nascidas da carência de tornar tolerável o desamparo do homem, reside a essência da questão humana. A vida neste mundo deve ter um propósito e tal propósito sem dúvida é o aperfeiçoamento do homem. Neste sentido, a civilização considerou a religião o que ela possui de mais precioso. Além de defender os homens da força esmagadora da natureza, concedeu-lhes um propósito de vida tornando-os melhores. Deste modo, o homem crê que existe uma inteligência superior que ordena todas as coisas sempre para o melhor. Freud demonstra que, assim como todas as realizações da civilização surgiram da necessidade de se defender da força esmagadora da natureza, as ideias religiosas têm essa mesma origem.

De acordo com Freud (1927/2006), a religião afirma que o mesmo homem que deseja ser protegido, também precisa se aperfeiçoar. Neste processo de aprimoramento que consiste em tornar o homem melhor, está sujeito a sua obediência a este *Ser* que ordena todas as coisas. Ficou pertencendo ao homem a tarefa de ser obediente e aos deuses, por meio da religião, determinar os defeitos e os males da civilização, acompanhar os sofrimentos que os homens infligem uns aos outros em sua vida comunitária e atentar para o cumprimento dos preceitos da

civilização. A religião ensina que os obedientes serão recompensados. No entanto, Freud (1933/2006) descreve que mesmo o homem crendo que obterá proteção e felicidade se for obediente aos pronunciamentos da religião, ocorrerão terremotos, maremotos, catástrofes de todas as formas, que não distinguem o homem bom do homem mau. É ainda pior quando o destino de alguém depende das relações entre os homens, pois nem sempre o homem bom é recompensado e o mau é castigado.

Freud (1930/2006) questiona a necessidade de o homem ter um propósito de vida, tal questão para ele é uma presunção humana, já que ninguém fala do propósito de vida dos animais. Um propósito de vida é algo necessário apenas para a religião, somente ela pode resolver essa questão, se a vida realmente possui algum propósito. Anteriormente, ele havia indicado que para a religião o propósito de vida do homem é o seu aperfeiçoamento mediante a obediência. Todavia Freud (1930/2006) acrescenta outro fator, o de que o maior desejo na vida do homem é ser feliz. Se por um lado ele não quer sofrer, por outro deseja ter momentos intensos que lhe propiciem prazer. O homem desta maneira segue numa dessas direções, buscando um ou outro desses alvos. O propósito de vida está relacionado profundamente com o princípio do prazer, apesar do universo estar em desacordo com esta ideia de felicidade como propósito de vida e todas as circunstâncias serem contrárias a ela. Mesmo assim, o homem continua acreditando na eficácia de que ser feliz é o seu propósito de vida. A felicidade possui muitas dificuldades e restrições para ser alcançada, parece, muitas vezes, muito mais fácil o homem experimentar a infelicidade. O princípio do prazer torna-se desse modo o princípio da realidade, em que a felicidade é conseguir escapar dos infortúnios da vida e sobreviver ao sofrimento, à obtenção de prazer fica em segundo plano (FREUD, 1930/2006).

Freud (1930/2006) destaca que a realidade é a grande fonte de todo sofrimento e se o homem quer ser feliz precisa romper com ela. Uma forma de conseguir este empreendimento é agir como um eremita se isolando do mundo, a outra é tentar recriar o mundo, construindo um novo mundo imaginário em seu lugar, onde se elimina os aspectos insuportáveis e os substitui por aqueles que são adaptados aos nossos desejos. Não obstante, a realidade permanece ali, forte o

suficiente para não ser suprimida. De certa forma, todos se comportam fazendo essa alteração na realidade, como paranoicos, modificando algum aspecto insuportável da vida e introduzindo em seu lugar um delírio. Freud classifica as religiões da humanidade entre os delírios de massa desse tipo.

Conforme Freud (1930/2006), o comportamento do homem deveria ser diferente, não virando as costas para o mundo e deixando de se relacionar com aquilo que pertence ao mundo. O homem deveria ter como modelo de vida a busca da satisfação em amar e ser amado para obter felicidade. A maior sensação de prazer que o homem experimentou foi no amor que usufruiu na infância quando amava e era amado sem restrições pela mãe, o que fornece um modelo para a busca da felicidade.

A religião não deve restringir a escolha de cada um, nem mesmo impor a todos o seu caminho para a felicidade, ela deve dar valor à vida apresentando um quadro real. Neste mundo real há vários caminhos para a felicidade e nenhum deles é seguro, nem mesmo a religião. O homem sempre tem a tendência em colocar as suas condições para que as pessoas sejam felizes ou não. Isto não é sensato, a felicidade é algo totalmente subjetivo, o que é um horror para uma pessoa, para outra pode não ser. Contudo, a religião tem os seus caminhos, sua filosofia e seus ideais, que devem ser reconhecidos (FREUD, 1930/2006).

Segundo Freud (1930/2006), o homem religioso utiliza a ideia de uma recompensa numa vida após a morte para as frustrações que enfrenta nesta vida, esta ideia vem sob a figura de um pai que é ilimitado e grandioso. Um pai como esse tem condições de compreender as necessidades de seus filhos, é capaz de ser sensível às suas orações e se tornar brando quando o homem se arrepende. O homem precisa da religião, da arte e da ciência, pois estes se representam ou se substituem mutuamente na mente humana. Parece que para suportar a vida o homem precisa de medidas paliativas, pois a vida é extremamente penosa e proporciona muitos sofrimentos e decepções. A religião responde a estes anseios e como foi uma construção da infância transferida para a fase adulta, o homem encontra nela uma resposta para os desejos humanos.

RELIGIÃO: uma ilusão

Freud (1927/2006) expõe que muitas pessoas não tiveram uma experiência religiosa, assim não se pode exigir que possam crer. Os motivos que servem para alguns não podem ser uma obrigação para todos. Como exemplo disto, Freud (1928/2006) cita a troca de correspondências entre ele e um médico americano. Ele relatou que tal médico lhe escreveu contando a respeito de um momento de dúvida que viveu e de uma experiência que fortaleceu sua fé. Suplicou que Freud refletisse a respeito do assunto e considerasse a possibilidade de Deus revelar a verdade à sua alma. Freud respondeu dizendo que ficava contente por saber que uma experiência religiosa o havia dado condições de manter sua fé, mas que a experiência era do médico americano e não sua. Deste modo tenta demonstrar como a experiência religiosa é transferida de uma para outra pessoa.

Freud (1927/2006) ressalta que psicologicamente as ideias religiosas não podem ser descobertas por si só; foram passadas aos homens e reivindicam a crença. A origem psíquica destas ideias são os mais antigos e fortes desejos da humanidade, são ilusões, desejos de um pai em meio ao desamparo e dificuldades da vida. Afirma que uma ilusão não é necessariamente um erro, o que caracteriza a ilusão é sua origem e os desejos humanos, que nem sempre são falsos, irrealizáveis ou contradizem a realidade.

Como exemplo, uma moça pode ter a ilusão que encontrará um príncipe e isso ocorrer, assim como a religião pode crer que um Messias chegará e fundará uma época de ouro, o que a ciência investiga é sua probabilidade. Não há como julgar o valor da realidade da religião. Essa realidade não pode ser provada, bem como não pode ser negada. Pouco é conhecido para que a ciência tenha uma posição definitiva, ainda há muito para investigar. No entanto, a verdadeira atitude religiosa é aquela que não assume uma sensação de impotência diante do universo, mas dá um passo além não concordando com um papel onde o homem se acomoda diante deste grande mundo, quem se acomoda na verdade seria um irreligioso (FREUD, 1927/2006).

Segundo Freud (1927/2006), a religião é a realização dos desejos, mas é também lembranças importantes do passado, o que concede a ela um poder

incomparável. Seu valor histórico merece respeito, mas não invalida a posição de que os preceitos da civilização devem ser fundamentados em um pensamento racional. Assim como para as crianças é melhor dizer a verdade do que falar que uma cegonha é quem traz os bebês, é melhor ter um conhecimento verdadeiro das coisas que utilizar de disfarces simbólicos. A religião não deve ser usada assim, como um disfarce para encobrir a importância das coisas neste mundo. O homem merece saber a importância de um conhecimento verdadeiro e científico.

UM CONHECIMENTO VERDADEIRO

Freud (1933/2006) indica que a psicanálise não possui uma *Weltanschauung*¹ própria, a que ela possui é científica. A ciência propõe uma visão de universo como sendo um projeto que tem sempre algo a ser descoberto. De certa forma, isso limita a ciência, pois ela aceita apenas aquilo que se pode conhecer no presente e rejeita tudo o que não pode ser cientificamente comprovado. Para a ciência não há outras fontes de conhecimento além daquilo que se origina da pesquisa empírica. A psicanálise compreende que essa posição despreza as necessidades de desejos da mente humana, ainda assim, a ciência não aceita nenhuma forma de revelação, intuição ou adivinhação. Existe uma separação da ciência de tudo que é ilusão e resultado de exigências emocionais. A ciência age dessa maneira, mas a psicanálise compreende que os desejos têm valor para o homem, por intermédio desses desejos foram alcançadas realizações na arte, filosofia e religião.

Para Freud (1933/2006), a religião tem um poder imenso a seu favor, as mais fortes emoções dos seres humanos. Ela foi capaz de construir uma *Weltanschauung* coerente e autossuficiente, sem nada que lhe possa comparar e que se mantém até hoje. Em outros tempos a religião havia assumido o lugar da ciência, mas seus mecanismos em nada se assemelhavam aos da ciência. A religião propôs fazer três coisas pelos homens de natureza muito grandiosa. Ao compará-las com a atitude científica nota-se como a ciência e a religião agem de forma diferente.

¹ Essa palavra pode ser traduzida como “uma visão de universo”.

A primeira proposta da religião é tentar conceder informações a respeito da origem do universo, satisfazendo o desejo do conhecimento humano. Ela faz a mesma coisa que a ciência busca fazer, porém seus meios não são científicos, não são fruto de pesquisas e a ciência não os aceita; para a ciência não basta dizer que algo foi feito, é preciso mostrar como foi feito. A segunda consiste em a religião garantir que os homens tenham proteção e felicidade diante dos altos e baixos da vida. Neste ponto, a ciência reconhece que a religião acalma o medo dos homens diante dos perigos e das imprevisibilidades da vida, oferecendo-lhes um fim feliz e um conforto nos momentos difíceis. Por último, a religião orienta os pensamentos e os atos dos homens por meio de preceitos. Neste aspecto, a ciência se satisfaz em investigar e estabelecer fatos, pelas suas aplicações surgem normas e orientações com relação à conduta humana que coincidem, muitas vezes, com as que a religião oferece, mas cada uma possui seus próprios motivos. Na religião, aqueles que obedecem a seus mandamentos são recompensados com proteção e felicidade, já para os desobedientes o que se espera é a punição. Curiosamente na ciência, acontece algo semelhante, aqueles que desprezam seus ensinamentos ficam expostos a padecerem algum dano (FREUD, 1933/2006).

No que se refere a empregar a religião como ciência, cabe lembrar os argumentos de Freud (1914/2006) ao defender seus argumentos num momento em que Jung e Adler tentaram incorporar e retirar conceitos fundamentais da psicanálise. Freud afirmou que ninguém saberia como a humanidade reagiria diante das contribuições teóricas feitas pela ciência. Existiriam situações que durante um período estes esforços teóricos seriam rejeitados, mas depois de algumas gerações seriam transformados em reconhecimento. Deve-se, portanto, sustentar as convicções baseadas na experiência, agir com o máximo de honestidade e saber que o papel de juiz pertence ao futuro. Não seria certo dar atenção em assuntos científicos a ideias pessoais que não seguem suas regras e normas. Isto seria permitir que a psicanálise fosse questionada como ciência.

A psicanálise busca um ajustamento de seus conhecimentos a respeito da religião e faz a sua própria interpretação de Deus, compreendendo que a *Weltanschauung* religiosa não pode ter um domínio irrestrito, ela está sujeita à

influência de críticas. Tais críticas da ciência à religião não têm o objetivo de colocar em dúvida o valor da religião, nem invadir a área que compete à religião. Pelo contrário, as críticas são feitas quando a religião tenta responder àquilo que cabe à esfera científica. A ciência não se furta ao dever de investigar tudo aquilo que compete a ela. Seu esforço é o de chegar a tudo que corresponde à realidade empírica. Para Freud, a religião tem o dever de incentivar o homem a buscar na ciência os conhecimentos que são da ciência, e nela, na religião buscar o que ela pode oferecer, “algo incomparavelmente mais belo, mais consolador e mais elevado do que tudo o que podem conseguir na ciência. E, por causa disso, digo-lhes que é verdadeiro, num outro sentido, mais elevado” (FREUD, 1933/2006, p. 167).

Freud (1914/2006) destaca que a psicanálise deve ser defendida como matéria científica e há uma grande diferença entre a psicanálise e a religião. Na análise, por mais bonitos que possam parecer, não se utilizam ensinamentos morais. Estes apenas fazem novas exigências para tentar dominar as neuroses. Técnicas como concentração interior, meditação religiosa, tentar uma nova vida em comum com uma mulher usando amor e dedicação e outras semelhantes só fazem o sujeito se sentir um pobre pecador, com necessidade de arrependimento e boas intenções. As ferramentas da psicanálise são outras, encontram-se no inconsciente e na transferência, segundo Freud (1927/2006, p. 45):

A psicanálise constitui um método de pesquisa, um instrumento imparcial, tal como o cálculo infinitesimal. Se a aplicação do método psicanalítico torna possível encontrar um novo argumento contra as verdades da religião, *tant pis* para a religião, mas os defensores desta, com o mesmo direito, poderão fazer uso da psicanálise para dar valor integral à significação emocional das doutrinas religiosas.

Esta afirmação demonstra como a *Weltanschauung* da psicanálise é a mesma da ciência. Freud (1933/2006) expõe que esta *Weltanschauung* se ergue com foco no mundo real e não pode pensar diferente disso, se alguém deseja qualquer coisa a mais para se consolar deve procurar onde possa ser achado, a ciência não vai reprimi-lo, mas não pode ajudá-lo. Aquilo que a psicanálise assevera

a respeito de seu valor científico e do funcionamento da religião tem implicações diretas em como a civilização apreende os preceitos religiosos.

A CIVILIZAÇÃO E OS PRECEITOS RELIGIOSOS

Não se pode dar as costas para a religião como se fosse um tema qualquer; embora Freud acredite que a civilização se ergueu baseada na crença dos homens de que a religião é a verdade, o que ele faz é questionar a necessidade dessas crenças para se manter a ordem. Ele acredita que até mesmo se ensinassem aos homens que não existe Deus, vida após a morte ou mesmo um plano divino, mesmo sem temor de um deus, os homens continuariam a obedecer aos preceitos da civilização, não mais por receio de um julgamento final e sim porque as pessoas compreenderiam que os preceitos não são elaborados para dominá-las, mas para o bem estar desta mesma civilização. Os homens teriam uma atitude mais amistosa com tais regulamentos buscando aprimorá-los. Daí o valor da compreensão de que é preciso esclarecer os motivos racionais dos preceitos e da sua importância social que ultrapassa a necessidade religiosa (FREUD, 1927/2006).

É decisiva para a constituição de uma civilização a substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade. A primeira exigência de uma comunidade é a justiça, onde uma lei não será transgredida em favor de um indivíduo. O desenvolvimento da civilização requer que todos cumpram as restrições impostas a ela e é provável que o homem só queira se libertar dessa sociedade quando se revolta contra alguma injustiça. A harmonia na civilização depende de que os indivíduos estejam satisfeitos em si mesmos, certos de que a justiça sempre prevalece, contudo essa certeza não existe. Como a sociedade tem como base a religião, ela absorve para si preceitos de origem religiosa, fazendo com que a exigência ideal de sociedade civilizada seja uma máxima religiosa: *amarás o teu próximo como a ti mesmo* (FREUD, 1930/2006).

Essa mesma civilização questiona por que seguir este ideal; para amar alguém essa pessoa deve merecer e não pode ser um inimigo, só é possível amar alguém que seja melhor do que o *eu*, assim a pessoa se amará num ideal de seu próprio 'eu' na outra pessoa. Se a máxima fosse *ama teu próximo como ele te ama*

talvez não tivesse objeções por parte da sociedade. Os homens não são apenas gentis, pelo contrário, têm uma considerável quantia de agressividade e a sociedade está sempre se esforçando para manter sob controle seus instintos agressivos. A sociedade ocupa o lugar do superego, exercendo uma constante vigilância sobre as ações dos homens, censurando-os e gerando neles um sentimento de culpa. O sentimento de culpa existe antes do superego individual e antes da consciência, ele é a expressão imediata do medo da autoridade externa (FREUD, 1930/2006).

A origem do superego de uma civilização é semelhante à do superego de um indivíduo. O superego da civilização se baseia na impressão deixada por seus líderes que possuíram uma grande influência na humanidade, assim como o superego de um indivíduo é formado pelos seus heróis da infância, os pais idealizados que servem de modelos a serem imitados. No caso da formação do superego da civilização, normalmente, esses grandes líderes no final de suas vidas como ato heroico foram escarnecidos, maltratados e até mesmo exterminados de forma cruel, “o exemplo mais evidente dessa conjunção fatídica pode ser visto na figura de Jesus Cristo” (FREUD, 1930/2006 p. 144).

Por meio destes homens que serviram de modelo, a sociedade assimilou que a mais forte defesa contra a agressividade humana é o mandamento: “ama a teu próximo como a ti mesmo”, que é um ótimo exemplo do superego cultural. No entanto, quem segue tal preceito na civilização se coloca em desvantagem diante dos que desprezam esse mesmo preceito. É um grande obstáculo saber que a maior defesa contra a agressividade da civilização, “amar o próximo como a si mesmo”, causa tanta infelicidade, quanto a própria agressividade, pois a civilização não consegue cumpri-la. É somente a religião quem afirma que tal mandamento vale a pena, devido às suas promessas de uma nova vida após a morte que recompense tão grande obediência. Essa pregação é inútil se a virtude também não for recompensada aqui na terra; para nós da ciência psicanalítica, o que importa é a mudança real nas relações existentes entre os homens (FREUD, 1930/2006).

CONCLUSÃO

As obras de Freud deixam claro que foram alcançadas as propostas deste estudo, elas de fato apresentam concepções da psicanálise a respeito da religião. Apesar de Freud mesmo admitir que seus estudos foram muito além da psicanálise, eles oferecem um entendimento a respeito da religião que demonstra sua importância na história da humanidade e na subjetividade do sujeito, podendo ser uma geradora de neuroses ou uma defesa diante dos temores da vida.

Quanto à sua significação, a religião representa importantes transferências da infância para a fase adulta, caracterizada como uma ilusão que concede ao homem um propósito de vida. A ciência se apresenta incapaz de definir a veracidade da religião, mas ressalta que a psicanálise pode ser usada para dar um significado emocional para as doutrinas religiosas.

A prática psicanalítica consiste exatamente em analisar os desejos humanos, mas não permite que o desejo influencie seus meios de análise. Psicanálise e religião percorrem caminhos diferentes, não necessariamente opostos, mas diferentes. Psicanálise é ciência, religião é teologia. Respectivamente, uma se preocupa em analisar a história e a outra faz a história, uma observa a arte e a outra desenha o quadro. Papéis diferentes, mas com sua devida importância pelo que cada uma tem a oferecer. Deste modo, apesar de suas diferenças, a psicanálise e a religião seguem seus caminhos em favor da humanidade, apontando possibilidades para o bem-estar do homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. (1895). Estudos sobre histeria. In: SALOMÃO, J. (Org.). **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 11-316.

FREUD, S. (1907). Atos obsessivos e práticas religiosas. In: SALOMÃO, J. (Org.). **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 105-117.

FREUD, S. (1909). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In: SALOMÃO, J. (Org.). **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v. 10. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 135-273.

FREUD, S. (1913). Totem e tabu. In: SALOMÃO, J. (Org.). **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 11-162.

FREUD, S. (1914). A história do movimento psicanalítico. In: SALOMÃO, J. (Org.). **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 13-73.

FREUD, S. (1925). Um estudo autobiográfico. In: SALOMÃO, J. (Org.). **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 15-72.

FREUD, S. (1927). O Futuro de uma ilusão. In: SALOMÃO, J. (Org.). **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 11-63.

FREUD, S. (1928). Uma experiência religiosa. In: SALOMÃO, J. (Org.). **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 171-177.

FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. In: SALOMÃO, J. (Org.). **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 65-148.

FREUD, S. (1933). Conferencia XXXV - A questão de uma Weltanschauung. In: SALOMÃO, J. (Org.). **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 155-177.

FREUD, S. (1935). Pós-escrito. In: SALOMÃO, J. (Org.). **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 75-78.

FREUD, S. (1939). Moisés e o monoteísmo. In: SALOMÃO, J. (Org.). **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 13-150.